



A GUERRA NAS ESTRELAS — Uma tentativa de contenção da escalada nuclear

Carlos de Meira Mattos

No chamado "Conflito Leste-Oeste", o projeto "Guerra nas Estrelas" conseguirá neutralizar a corrida armamentista entre as superpotências?

O autor não responde à pergunta, mas propicia, em seu artigo, elementos para que se especule a respeito.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Desde abril de 1945 quando as duas primeiras bombas atômicas foram lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, numa dramática decisão do Presidente Truman, destinada a abreviar o fim da Segunda Guerra Mundial, assiste a humanidade com apreensão e incertezas a uma escalada do arsenal nuclear das superpotências.

O aparecimento da bomba atômica como engenho bélico revolucionou completamente o cenário da guerra. Estes dois primeiros engenhos explodidos sobre as cidades japonesas de-

ram aos estrategistas a visão clara de que, dali para diante, a guerra adquiriria uma extensão e um grau de violência nunca antes imaginados.

A história da guerra atômica, que depois de algum tempo passou a ser chamada de guerra nuclear, vem passando por vários episódios nestes últimos 43 anos, cujos lances principais foram as duas explosões acima referidas, o monopólio norte-americano da nova arma, até 1949, a entrada da União Soviética na contenda atômica em 1949 (explosão de sua 1ª bomba); a entrada na corrida nuclear de outros países, Inglaterra, França, China, Índia, com seus

modestos arsenais; o aparecimento em 1951 de nova arma mais poderosa, bomba de fusão, chamada de hidrogênio, em substituição às anteriores bombas de fissão; o monopólio dos Estados Unidos sobre este novo engenho mortífero, logo em seguida, também superado pela União Soviética. Por fim, os dois grandes empenhados em disparada escalada a fim de superarem as novas tecnologias de lançamento (foguetes, mísseis, satélites) e de fabricação de armas cada vez mais destrutivas.

Na atualidade, dois imensos arsenais antagônicos se defrontam, colocando não só os seus detentores, mas a humanidade inteira, sob a ameaça de uma hecatombe. O confronto vem sendo evitado pela estratégia de dissuasão ("deterrence"), a ameaça de destruição recíproca. Mas, a manutenção da dissuasão estratégica exige uma escalada permanente; nenhum dos dois grandes rivais poderá adquirir a certeza de que sairá vitorioso do choque nuclear. Nunca antes a humanidade assistiu a uma paz armada tão terrível e instável.

Cabe aqui a citação do conceito de dissuasão nuclear do General Beaufre, o mais destacado especialista francês da estratégia nuclear:

"A dissuasão nuclear visa a paralisar o conflito bélico pela imposição ao agressor da ameaça de uma represália que não lhe permita sobreviver a agressão."

Esta paz armada em que vivemos há mais de quatro decênios, está se tornando cada vez mais crítica e dramática pelo acúmulo de meios de destruição que, gradativamente, são acrescentados ao arsenal mortífero de dimensões planetárias. Uma "fagulha" de distração ou de precipitação poderá provocar a explosão incontrolada deste arsenal, dezenas de vezes superior às suas necessidades destruidoras; a escalada como fator de contenção levou ao exagero.

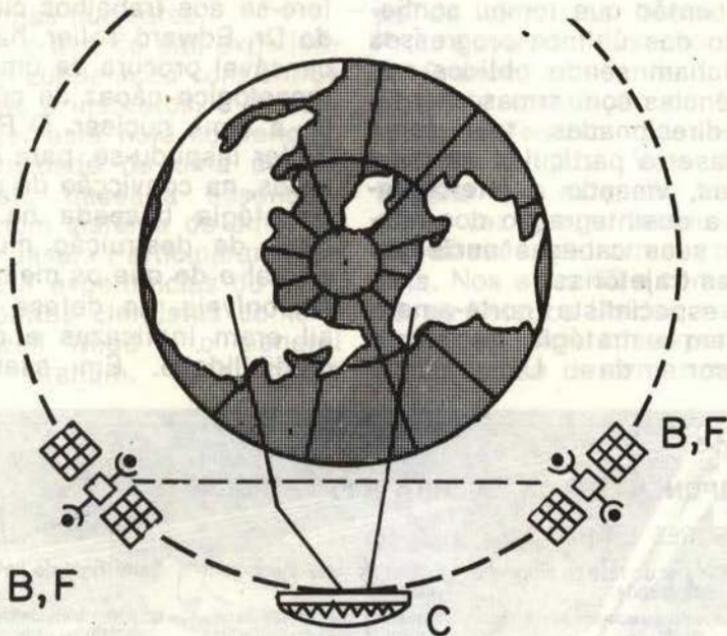
Durante todo esse período de confronto nuclear não havia aparecido, até 1983 (discurso do Presidente Reagan na rede de televisão americana), nenhuma *estratégia defensiva* válida, capaz de sobrepor-se à *estratégia ofensiva* conduzida pela dissuasão, pela escalada.

O discurso de Reagan, do qual destacamos o trecho abaixo:

"Convoco a comunidade científica de nosso país, aqueles mesmos que nos deram armas nucleares, para voltarem os seus talentos, agora, para a causa da humanidade e da paz mundial, oferecendo-nos os meios para tornar essas armas nucleares impotentes e obsoletas."

Estava lançada, nos Estados Unidos, uma nova estratégia defensiva contra a arma nuclear, baseada num sistema de guerra tecnológica, aplicando uma variedade de recursos em diferentes estágios de desenvolvimento, com alta aplicação da ele-

ÓRBITA GEOESTACIONÁRIA DOS SATÉLITES DE ESPELHO (35 mil km de altura)



trônica, dos raios laser, das partículas neutras e outros tipos de emissões. Este sistema, orientado pelo então recém-criado "Strategy Defense Initiative" (SDI), iria aperfeiçoar a tecnologia já provada em laboratórios, apta a identificar, rastrear, interceptar e destruir mísseis balísticos e suas cabeças nucleares em sua trajetória, isto é, no espaço. Aí o nome com que a imprensa passou a denominar este sistema – "Guerra nas Estrelas". A sugestão deste apeli-

do revela o desejo de transferência desta guerra terrível das áreas terrestres para os espaços das estrelas.

Revela o cientista político norte-americano Zbigniew Brzezinski, de reconhecida competência e probidade, que quando acabou de ouvir o pronunciamento do Presidente Reagan na rede de televisão, convocando o mundo científico de seu país para esta guerra espacial, ele próprio também convocou os seus amigos cientistas para avaliar a

credibilidade do sistema defensivo, capaz de levantar um escudo protetor contra as armas nucleares sobre os grandes centros urbanos dos Estados Unidos.

Foi então que tomou conhecimento dos últimos progressos que vinham sendo obtidos nas experiências com armas energéticas direcionadas, tais como raios laser e partículas de raios dirigidas, visando a interceptação e a desintegração dos mísseis e suas cabeças nucleares em suas trajetórias.

O especialista norte-americano em estratégia nuclear e professor da Universidade

Georgetown, de Washington, em seu livro "Strategic Defense - Star Wars is Perspective", informa-nos sobre os progressos das pesquisas no campo das chamadas armas espaciais. Refere-se aos trabalhos científicos do Dr. Edward Teller, na sua incansável procura de um recurso tecnológico capaz de contrapor-se à arma nuclear. O Professor Teller inspirou-se, para seus estudos, na convicção de que uma estratégia baseada na capacidade de destruição mútua era imoral e de que os meios, então disponíveis, de defesa antimísseis eram ineficazes e de fraca credibilidade. Em suas expe-

Figura nº 3

COMPONENTES DA GUERRA NAS ESTRELAS

SENSORES E ARMAS

O setor da fase de propulsão compreende:

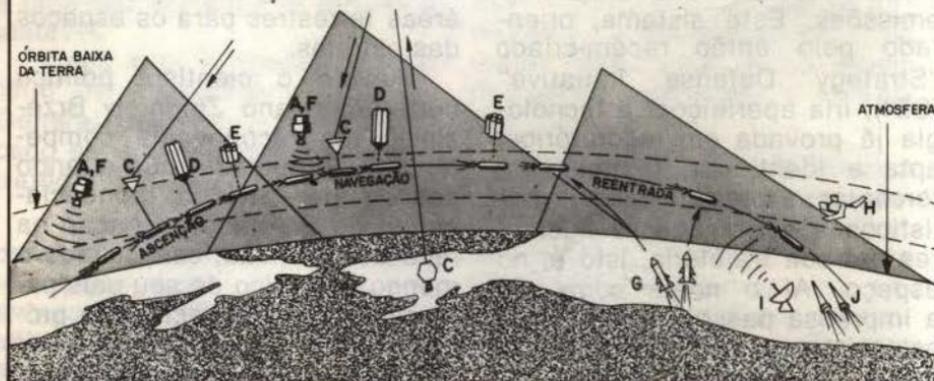
- A: satélites espaciais de rastreamento.
- B: controle de batalha.
- C: lasers em terra, espelhos refletores.
- D: armas de energia dirigida.
- E: armas espaciais de energia cinética.

O setor de meio-curso compreende:

- F: sensores e armas que distinguem charizés de armas verdadeiras.
- Mais os elementos da fase anterior.

Setor final de defesa

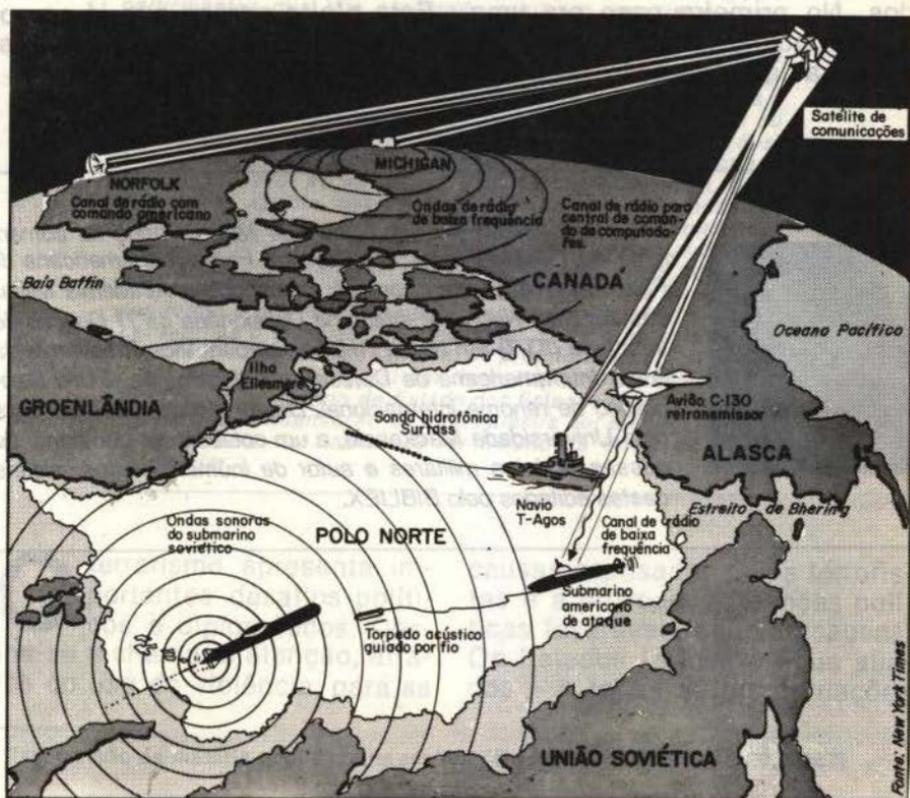
- G: mísseis anti-satélites lançados de terra ou do ar.
- H: sensores aerotransportados.
- I: estações terrestres de radar.
- J: míssil interceptador de baixa altitude.
- Mais elementos das duas fases anteriores.



riências realizadas em 1986, o Prof. Teller convenceu-se de que através da tecnologia do raio laser seria possível chegar-se a uma arma defensiva efetiva contra os mísseis balísticos e suas cargas nucleares.

Com o avanço das experiências, em cooperação com outros cientistas e institutos, o Professor Teller está hoje convencido da efetividade de uma defesa antimísil, baseada essencialmente num sistema de emissão de raio laser. Participaram dos estudos e experiências do Prof. Teller outros cientistas como o Dr. Lowell Wood e o General Daniel Graham. Este grupo

manteve vários contatos com membros do gabinete da Casa Branca e com o próprio Presidente Reagan, antes e depois de seu histórico pronunciamento de 23 de março de 1983. O grupo de cientistas liderado pelo Prof. Keyworth, assessor da Casa Branca, apresenta outra fórmula de instalação de um sistema defensivo baseado na energia dirigida. Vale a pena lembrar que esta não foi a primeira vez que se tentou a defesa através de armas antimísseis. Nos anos 60 e começo dos 70, os Estados Unidos e a União Soviética iniciaram experiências e fabricação de armas conheci-



Fonte: New York Times

das então como "míssil anti-míssil". Chegaram ambos à conclusão que longe de conter a escalada, tais sistemas defensivos iriam estimulá-la, pois cada contendor procuraria aumentar o seu arsenal ofensivo a fim de assegurar a capacidade de penetração. Esta constatação levou as duas superpotências a firmarem em 1972 o tratado de limitação do míssil antibalístico (Anti-Ballistic Missile Treaty, ABMT).

A diferença principal entre os anteriores sistemas míssil antimíssil e o atual SDI ("Strategic Defense Initiative") está nos meios defensivos empregados. No primeiro caso era uma arma nuclear contra outra, visando a interceptação no espa-

ço; no segundo é uma guerra eletrônica utilizando uma defensiva baseada na emissão de raios dirigidos, invisíveis.

A guerra nas estrelas, para os Estados Unidos, representa uma tentativa unilateral de contenção da escalada nuclear. A forma até então procurada, através dos acordos bilaterais de limitação de armas, até hoje fracassaram. Segundo Brzezinski, já citado por nós, - a iniciativa norte-americana poderá levar os soviéticos a aceitarem os termos de uma negociação menos rígida no campo bilateral de limitação de armas nucleares. Este efeito parece que já se nota, através das últimas propostas de Gorbachov.



O General-de-Divisão R1 Carlos de Meira Mattos foi comandante do Destacamento Brasileiro da Força Interamericana de Paz, FAIBRÁS, como coronel. Comandou a Academia Militar das Agulhas Negras e Infantaria Divisionária da 7ª Divisão de Infantaria (ID-7) em Natal, RN. Foi também Vice-Presidente da Junta Interamericana de Defesa, em Washington, EUA. Geopolítico de renome internacional. Doutor em Ciências Políticas pela Universidade Mackenzie, e um colaborador constante de nossas revistas militares e autor de inúmeros livros, alguns destes editados pelo BIBLIEX.